



REPRESENTAÇÃO INDÍGENA NO ÂMBITO ESCOLAR, SOCIAL E EXPERIÊNCIAS A PARTIR DO PROGRAMA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA

Gleicyelle da Silva Oliveira²³
Lourival Alves Cavalcante Júnior²⁴
Saelen da Silva Pinto²⁵

Resumo: O objetivo desse artigo é relatar algumas das vivências no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, dando ênfase ao projeto nomeado como: “Todo dia é dia do Índio” que foi aplicado pelos bolsistas do PIBID da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, com o auxílio da professora mestre: Deysiane Bezerra, na Escola Estadual Graciliano Ramos, localizada no município de Palmeira dos Índios. O projeto tem como intuito contribuir para a formação dos estudantes, ajudar a desconstruir estereótipos e valorizar a identidade Indígena, ressaltando a sua importância e contribuição para a formação brasileira, visto que a lei 11.645 de março de 2008, torna obrigatório o estudo da história indígena no âmbito escolar. Ademais, haverá também a discussão sobre a representação dos índios na esfera escolar e social. Tendo como suporte teórico: Fernanda Nardes da Trindade, Adelson Lopes Peixoto, Kleber Rodrigues e Diogo Francisco Cruz Monteiro.

Palavras-chave: Indentidade; Índios; Alunos.

Introdução

O subprojeto do curso de História intitulado como: “Saberes e Práticas do Ensino de História Afro e Indígena: memória, imagem, oralidade e patrimônio” da Universidade Estadual de Alagoas, localizada em Palmeira dos Índios, vem sendo desenvolvido em parceria com o Programa Institucional de Bolsas de Início à

²³ Graduanda em história pela Universidade Estadual de Alagoas e bolsa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. Gleicyelle.oliveira@gmail.com

²⁴ Graduando em história pela Universidade Estadual de Alagoas e bolsa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. Lourivaljunior132902@gmail.com

²⁵ Graduanda em história pela Universidade Estadual de Alagoas e bolsa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. saelensilva123@gmail.com



Docência – PIBID, financiado pela Coordenação de Apoio de Pessoal de Nível superior – CAPES, em três escolas de educação básica: Escola Estadual Graciliano Ramos, Escola Estadual Manoel Passos Lima e Escola Estadual Egídio Barbosa, todas localizadas também em Palmeira dos Índios.

Este artigo tem como objetivo, em grande parte, relatar sobre o projeto intitulado como “TODO DIA É DIA DO ÍNDIO”, que foi criado e desenvolvido na Escola Estadual Graciliano Ramos, pelos bolsistas do PIBID, com o auxílio da supervisora de história, Deisyane Bezerra, e o apoio de alguns colegas.

A montagem do projeto deu-se a partir de uma reunião realizada pelos participantes do PIBID – bolsistas e supervisora, que ao pensar em uma dinâmica para ser desenvolvida no Dia do Índio, que no Brasil é celebrado em 19 de abril, chegaram à conclusão de que para lembrar da importância desses povos para a formação da identidade nacional brasileira não é preciso um dia específico, tendo em vista também a lei 11.645 que torna obrigatório o ensino da história e cultura Afro e Indígena no âmbito escolar.

Desse modo, o projeto estendeu-se durante o mês de abril e o início de maio, no qual inicialmente houve uma apresentação da proposta para os alunos e em seguida iniciou-se a realização das mini palestras semanais, que tiveram as seguintes temáticas: Identidade, Religião e Representatividade Indígena, todas executadas durante o período de aula de história para estudantes de ensino médio.

Ao final houve uma culminância que foi realizada durante três dias seguidos com todas as turmas do 1º ao 3º anos, em um espaço cedido pela equipe organizadora da instituição. Haja vista que os palestrantes que fomentaram os debates, são convidados que pesquisam sobre a temática Indígena.

Ademais, também serão pontuadas algumas problemáticas que estão presentes na maior parte dos livros didáticos e em determinados meios escolares e sociais, tendo em vista a associação que é feita da imagem do índio do passado no presente. Essa análise, em particular, é baseada no suporte teórico de alguns autores, não estando vinculada ao projeto desenvolvido na escola.



Representação indígena no imaginário do aluno

O anacronismo feito com relação a imagem do índio vai refletir no imaginário do aluno, visto que ao pensar em como foi descrito o índio em 1500, na carta de Caminha, haverá semelhanças com o modo que é retratado na visão atual. Haja vista que continuam, em grande maioria, esteriotipando o indígena como uma pessoa que não usa utiliza vestimentas, e com os mesmos traços físicos do período colonial.

Essa visão do índio estereotipado pode ser encontrada, por exemplo, em livros, como no livro escrito por José de Alencar intitulado Iracema. Nele, a personagem principal, Iracema, será a menina ingênua que mora em uma aldeia, e fará uma conciliação entre o homem branco e o índio, trazendo a ideia de que o processo de colonização foi algo pacífico e romantizando a dominação de um povo sobre o outro.

O índio padronizado estará inserido também no livro didático, uma vez que o índio só aparece no capítulo que fala da colonização e raramente reaparece em outro momento, como se o indígena, depois desse período, nunca tivesse existido. No entanto, o que de fato aconteceu foi um período de silenciamento, para que a sua cultura e tradição fossem preservadas, sem que houvesse mais uma intromissão do 'homem branco' referente ao padrão utilitário da cultura europeia.

Assim, percebe-se o total descaso que a sociedade tem com o percurso histórico indígena e os processos de mudanças, que será refletido no livro didático e no imaginário de grande parte dos alunos, gerando diversos preconceitos com relação a cultura dos indígenas.

O índio padronizado estará inserido também no livro didático, uma vez que o índio só aparece no capítulo que fala da colonização e raramente reaparece em outro momento, como se o indígena, depois desse período, nunca tivesse existido. No entanto, o que de fato aconteceu foi um período de silenciamento, para que a sua cultura e tradição fossem preservadas, sem que houvesse mais uma intromissão do 'homem branco' referente ao padrão utilitário da cultura europeia.



Apresentação do Projeto

O projeto foi elaborado pensando nas fronteiras e carências existentes ao debater a história e cultura indígena na sala de aula, sendo que os livros didáticos deixam lacunas a serem preenchidas e a carga horária extensa dos professores, muitas das vezes, impossibilita a criação de dinâmicas e projetos interdisciplinares.

Mas para que o projeto entrasse em vigor foi necessário que o nosso público alvo – alunos, antes de mais nada, conhecesse sobre o mesmo, a fim de que houvesse uma maior interação entre os bolsistas e os alunos, possibilitando um melhor aprendizado. Dessa forma, foram apresentadas todas as etapas do projeto, as metodologias que seriam usadas e os objetivos, separadamente por turmas durante a aula de história. Além disso, foi levado um documento sobre o projeto para a coordenação e direção a fim de que os funcionários da instituição estivessem a par do que estava sendo desenvolvido na escola.

A importância do debate sobre Identidade

Durante muito tempo, acreditou-se na noção do índio aculturado que perdeu sua identidade étnica no decorrer do processo de colonização, essa concepção se deu, em grande parte, por meio de historiadores e antropólogos que estudavam a cultura como algo imutável. No entanto, com o passar do tempo, novos métodos e formas de pensar a história e o conceito de cultura foram surgindo, sendo influenciados por vários movimentos indígenas que buscavam o reconhecimento dos mesmos e dos seus processos de mudanças.

A partir dessas novas abordagens, a história da trajetória indígena no Brasil começa a ser repensada, havendo uma maior valorização por parte dos pesquisadores em relação ao dinamismo cultural. No entanto, grande parte da sociedade contemporânea continua a procurar o nativo de 1500 nos dias atuais, sendo que haverá variações identitárias de acordo com as regiões, a etnia e os processos de mudanças em que foram expostos. Um dos fatores principais para que haja essa



concepção estereotipada do índio são alguns livros didáticos de história, já que eles são instrumentos fundamentais de apoio teórico e metodológico na sala de aula e continuam trazendo os diversos grupos indígenas no passado, sem considerar suas transformações.

Portanto, pensando na escola como espaço de diversidade e de discussão das múltiplas tradições e narrativas, a mini palestra que teve como temática identidade buscou trazer, de forma resumida, o processo histórico brasileiro, evidenciando os contatos, imposições e as mudanças que ocorreram com o passar do tempo, afetando diretamente a cultura e a identidade indígena, principalmente no Nordeste.

Para a realização dessa pequena palestra, foi usado como suporte metodológico imagens que tinham como intuito mostrar que não se deve associar no presente a imagem do índio do passado, uma vez que a identidade indígena não vai ser definida a partir da vestimenta ou idioma, mas sim, por meio do sentir-se pertencido a um grupo, a uma trajetória. Outro material utilizado foi o audiovisual, ou seja, foram levados dois vídeos nos quais os próprios indígenas falavam o que é ser índio nos dias atuais.

A importância do debate sobre representatividade

A representatividade do indígena brasileiro na política faz-se de extrema importância, haja vista que é nessa vertente que o povo indígena tem buscado um maior debate e ouvidoria referente às suas necessidades, uma prova dessa busca é que houve um aumento significativo de sua participação em candidaturas nas últimas eleições. Em 2018, segundo o Globo, o número que se candidatou a cargos eletivos cresceu 45,8% em relação a 2014, saindo de 85 a 124 candidaturas.

Na última eleição, pela primeira vez, uma mulher indígena foi eleita à Câmara dos Deputados, em mais de 190 anos de existência da casa. A candidata Joenia Batista de Carvalho, mais conhecida como Joenia Wapichana, de Roraima, conseguiu mais de 8 mil votos. Mais que isso, ela também é conhecida por ser a primeira mulher indígena a se formar em direito no Brasil. Antes de Joenia, o único indígena que



obteve a vaga também na Câmara, foi Mário Juruna eleito entre os anos de 1983 e 1987. A partir desses dois casos é notável que apesar de ser um número ainda baixo, ele representa a busca incessante dessa parcela da população por voz e reconhecimento frente ao seu legado cultural, historicamente deteriorado. Sem sombra de dúvidas, há uma maior mobilização na atualidade que permite que esse envolvimento seja notado, além de ser entendido como sinônimo de uma possível mudança de visibilidade e aceitação.

Pensando em casos mais próximos dos alunos com os quais desenvolvemos nosso projeto, abordamos o caso do Deputado Estadual Gervásio Raimundo, do PTB, que apresentou um projeto de Lei na Assembleia Legislativa Alagoas, em 2003, após ter uma fazenda de 35 hectares desapropriada e paga pela Funai para abrigar índios Xukuru-Kariri, na região da Mata da Cafurna. No projeto em tese, o deputado propunha a redução do nome do município, visto que “lá não era terra de índio”, mas sim “Palmeira é de todos”. Quem seria ‘todos? Os empresários, comerciantes, fazendeiros e/ou até “gente trabalhadora que faz o progresso da região” como justificou o político. Infelizmente, ele reproduz um imaginário secular sobre os indígenas que os trata como uma parcela menosprezada, estereotipando-os da mesma forma que acontecerá em tempos passados, “(...) São preguiçosos, só vivem bebendo cachaça e a fazenda que praticamente me tomaram vive lá abandonada sem produção alguma” foram algumas das palavras do Deputado.

Em 2013, houve novamente o movimento chamado “Palmeira para Todos”, formado por políticos, associações e até membros religiosos que solicitaram ao governo federal a modificação do nome da cidade de Palmeira dos Índios, como forma de protesto. Houve grande repercussão do movimento, nesse período, visto que tinha como objetivo o desejo de revisar, também, o processo de demarcação das terras indígenas a fim de retirarem as exigências pré-determinadas. Tendo como base esse acontecimento, há também o debate quanto a apropriação de nomes referentes ao índio, os quais não possuem ligações com as etnias. Principalmente, quando a faz por motivações comerciais, de modo que esse povo ora é tratado como lenda e folclore, ora como inimigos e arruaceiros preguiçosos.



Seguindo essa linha de processos, em 2003, uma proposta cujas ideias faziam referência à constituição de um Parlamento Indígena, foi discutida durante o “Seminário Índios e Parlamentos”. Um de seus objetivos era fazer uma ponte entre as necessidades e opiniões das comunidades indígenas e os ministérios, o que fortaleceria o movimento indígena, visto que, por exemplo, quando temas que envolvessem diretamente as comunidades indígenas fossem analisados, elas seriam contratadas para opinar e tomar decisões sobre os critérios em destaque.

A representação em mídias sociais e televisivas representa pontos tanto positivos quanto negativos. Embora ela contribua, em partes, para uma maior disseminação de sua história e o que de fato ocorre, também pode denegrir sua imagem. Nesse contexto é possível evidenciar o etnocentrismo presente, visto que sempre a situação é analisada a partir do olhar do outro. Isso é notório, por exemplo, em entrevistas com uma comunidade indígena. O entrevistador, de certa forma, já possui uma vertente a qual deseja abordar, além de possuir um segmento que lhe é imposto – coercitiva, geral e exteriormente, como diz o sociólogo Emile Durkheim -, seja ele religioso, cultural, político e/ou familiar. Dessa forma, embora haja o comprometimento do entrevistador, seu olhar nunca trará total imparcialidade.

Portanto, pensar no índio e no desenvolvimento de trabalho em sala de aula, principalmente, no contexto da educação básica, é pensar que o dia do índio está além da ideia de fazer o ‘cocarzinho’ de emborrachado e pena de papel brilhoso, e o pintar como brincadeira ou folclore. É importante que haja meios de modificar, inicialmente, a forma que eles são vistos e como o tema se faz presente em contextos escolares, mesmo que haja resistência por parte das escolas que, infelizmente, tendem a trabalhar o tema assim como faz Xuxa na música: com uma versão pequena e omissa do que, de fato, é ser índio no Brasil – ainda mais na atualidade.

Dessa forma, a mini palestra que teve como temática Representatividade foi sustentada em cima desses debates e questionamentos, que fizeram com que todos juntos pudessem refletir acerca da representação do indígena no meios políticos e sociais, principalmente dentro da cidade na qual residem, que tem não apenas o nome, mas a presença de diversos indígenas que não possuem a visibilidade



necessária. Para que os alunos despertassem uma maior criticidade com relação ao que é visto e ouvido por eles, foi usado como apoio metodológico, a música da Xuxa, um episódio no sítio do pica pau amarelo e imagens que são vistas cotidianamente.

Acerca do índio no livro didático, a partir do 6º ano, ele é trazido sob a nuance do “Descobrimento do Brasil”, cuja palavra ‘Descobrimento’ ainda se faz presente em alguns materiais didáticos, embora totalmente errônea. Isso simboliza não só sua invisibilização histórica quanto à formação do país, como também sua “pseudopassividade” frente todas as atrocidades cometidas pelos europeus. Depois disso, ele desaparece dos livros e só retorna no 9º ano, quando é abordado sobre polarização, globalização, sendo associado ao fruto desse contexto. Onde estava o índio durante o período entre os sec. XVI e sec. XX?

Além disso, é preciso desconstruir a ideia da criação do dia do índio, que teve início durante o governo de Getúlio Vargas. Vargas tinha uma intenção clara de criação de uma identidade puramente nacional, que perpassasse o mito das três raças formadoras: o branco, o negro e o índio. Depois dele, a ideia de país multicultural ganhou destaque, principalmente quando nos anos 60 é criado o parque nacional do Xingu, e os irmãos Villas Bôas surgem com a ideia de procurar o índio exótico, bem como “o brasil da terra dos papagaios e do índio nu”, o que ficou característico para aquele período pontual. A partir daí, intensificou-se a discussão de que o índio era o povo brasileiro e o povo brasileiro está presente em todos os eventos da sua história em período comum.

São esses contextos que trazem à tona a necessidade de maior questionamento sobre os fatos, além de uma maior desmistificação do que nos é imposto, e uma incessante busca por respostas como: O que penso sobre índio? Que índio eu conheço? E qual o lugar que ele ocupa na sociedade e se, de fato, é esse o lugar que ele deveria estar.



A importância de debater Religião

Devido ao processo violento de colonização, dando ênfase principalmente na região do Nordeste, algumas etnias indígenas criaram mecanismo de preservação cultural e resistência. Para que essa proteção fosse possível foi necessário a criação de fronteiras, que nesse caso seria a partir dos rituais, servindo tanto como fortalecimento da identidade quanto divisão entre o não índio e o índio.

Para o debate em sala, sobre religião, contamos com a presença de Yuri Franklin, aluno da Universidade Estadual de Alagoas, que sustentou a discussão a partir da sua linha de pesquisa que é com a etnia Jiripankó. De início, foi apresentado o contexto histórico que se deu a formação desse povo, para que os alunos se sentissem situados diante do que estava sendo discutido, e logo após foi abordado sobre alguns rituais que são abertos ao público, como por exemplo o Menino do Rancho e a Corrida do Umbu.

Essa discussão teve como intuito levar os alunos a refletir sobre a diversidade religiosa presente do Brasil, uma vez que é a partir do conhecimento sobre o outro que os preconceitos passam a ser desconstruídos, ou pelos menos amenizados. Usou-se durante essa apresentação como apoio metodológico, slides, imagens e vídeos, método muito útil nesse momento uma vez que a apresentação de alguns rituais que até então maior parte da turma não conhecia, despertou a curiosidade de querer saber mais.

Culminâncias

Após as pequenas palestras tidas em sala de aula, ministradas pelos PIBIDIANOS, foi dado início as culminâncias, ou seja, o momento final do projeto no qual os alunos, em meio as palestras, poderiam esclarecer suas dúvidas sobre o que foi trabalhado em relação a temática indígena e somar mais aprendizados. Ademais, houve também uma exposição fotográfica, no corredor das turmas, para que todos da instituição pudessem apreciar um pouco mais sobre cultura indígena.



A culminância foi realizada durante os dias 7,8 e 9 de maio. O primeiro dia, teve como convidados: Yuri Franklin e Vinícius Alves, ambos são alunos Universidade Estadual de Alagoas, UNEAL, e fazem parte do Grupo de Pesquisa em História Indígena de Alagoas, GPHIAL. O primeiro palestrante trabalhou de forma resumida, devido ao tempo, o processo histórico e o papel da mulher dentro do ritual do povo Jiripankó. Enquanto o segundo, trouxe o debate sobre o grafismo corporal dos povos do Sertão, frisando as etnias: Jiripankó e Kalankó, ressaltando suas especificidades.

No segundo dia, a palestra foi abordada por Adalto Santos da Rocha, aluno da Universidade Estadual de Alagoas, UNEAL, e participante do Grupo de Pesquisa em História de Alagoas, GPHIAL. Relatou sobre o povo Xucuru-Kariri em meio as cidades, de início fazendo uma breve contextualização sobre quem são, as diásporas e suas vivências para, de fato, poder abordar sobre o assunto.

No último dia, o convidado que ficou à frente dos debates foi o professor doutor e pesquisador José Adelson Lopes Peixoto, sua fala foi baseada, em grande parte, em torno das etnias indígenas existentes em Alagoas, principalmente na cidade de Palmeira dos Índios, de modo a situar melhor os alunos por estarem mais próximos deles, porém ele também fez um breve resumo sobre os processos históricos que levaram cada etnia indígena até os seus respectivos territórios, dando ênfase na demarcação de terras, nas diversidades culturais e religiosas.

Conclusão

Ao decorrer do projeto, foi notório o quão necessário é esse debate por meio de indagações que foram surgindo por parte de alguns alunos. Foi perceptível, que mesmo em meio as dificuldades, como por exemplo as distrações, houve uma melhor compreensão por parte deles sobre quem são e, principalmente sobre a história do município em que moram. Logo, por meio dos temas foi possível refletir, em sala de aula, mais sobre a cultura do outro, despreendendo-se dos estereótipos e agregações folclóricas impostas para o índio criados pelo não-índio.



Os recursos teóricos e metodológicos usados no decorrer do projeto serviram como possibilidade de levar novas fontes e como materiais de ensino mais atraentes para o público que já é acostumado com essa tecnologia de projetar vídeos e imagens. Além de ter proporcionado momentos de reflexões, distrações e análises.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os Índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

BRASIL, Presidência da República. Lei 11.645, de março de 2008. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm. Acesso em: 30 de maio de 2019.

CAMINHA, **Pero Vaz de. Carta a El Rei D. Manuel Sobre o Achamento do Brasil**. São Paulo: Martins Claret, 2007.

COLARES, A.A; GOMES, M.A.O; COLARES, M.L.I.S. **História e Cultura Afro Brasileira e Indígena nas Escolas: uma reflexão necessária**. Campinas: Revista Histedbr, n°38, p.197-213, 2010.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Lisboa: Editorial Presença, 1895.

MOREAU, Felipe Eduardo. **Os Índios nas cartas de Nobrega e Anchieta**. Annablume, São Paulo, 2003.

PEIXOTO, José Adelson Lopes. **Minha Identidade é Meu Costume: religião e pertencimento entre os indígenas Jiripankó-Alagoas**. Recife: UNICAP, 2018.

Povos Indígenas no Brasil. disponível em:
<<http://pib.socioambiental.org/pt/noticias?id=10174> > acesso em 24 de maio de 2019

RODRIGUES, Kleber; MONTEIRO, Diogo Francisco Cruz. **As Representações dos Índios no Ensino de História Contemporâneo: como a comunidade escolar sergipana observa os índios no livro didático**. Sergipe: UFS, p. 1-15.

SANTOS, M.C.S. et al. **As temáticas Indígenas na Escola: possibilidades e desafios a partir do trabalho com a literatura**. II CONEDU: Realize.



SILVA, Thayan Correia. **REFLEXOS DE UMA IMAGEM:** Povos Indígenas, Quem São eles?. 2015. 10f.

TRINDADE, Fernanda Nardes de. **A Representação dos Índios na Escola:** a experiência de uma oficina pedagógica. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.